

CADEIRA 19

PATRONO - Celso Serra Azul



“No Ceará, só há uma Serra Azul, essa de Quixadá, e também uma família com este nome, da qual se destaca o Celso, Inspetor Técnico Fazendário, dedicado às letras, autor de alguns livros de feição didática e antológica. Filho de Francisco Leite Serra Azul (o Poeta iniciador de veneração à Deusa Flora, padroeira dos Ecologistas).” (Lauro Ruiz de Andrade, in: A Vontade dos Serras Azuis, 1987).

Celso Serra Azul nasceu em Serra Azul, à época ainda Quixadá-CE, hoje Ibareta, no dia 24 de outubro de 1915, filho de Francisco Leite Serra Azul e Maria do Carmo de Barros Leite Serra Azul, teve como irmãos José Zoza, Maria Leticia, Luiz Eduardo, Maria Albertina e João Henrique. Começou a vida ouvindo o pai e outros poetas e cantadores, no meio das raízes do povo e da arte. Chegando em Fortaleza, ainda menino peralta, surrupiava mangas e corria dos cães pelos terrenos cercados nas ruas da antiga Aldeota, ainda pouco habitada. Mas não esquecia de suas raízes, o que o transformou em um observador da beleza dos sertões.

“Fui passar, como sempre acontecia todos os anos, as férias na fazenda Irapuá, de João de Barros Martins, nas proximidades da Serra Azul, e lá observei vários fatos interessantes ligados à lenda, mitos (crendices alegóricas) adivinhações, crendices, provérbios, ditos regionais e costumes dos camponeses.” Celso Serra Azul, in: Contos, Lendas e outros Temas.

Enfrentando dificuldades, cursou o Colégio São João, do Professor Braveza, às custas tão somente dos méritos da sua privilegiada e brilhante inteligência, primeiro aluno que sempre foi e pela bolsa de estudos conquistada e mantida em consequência. Desde cedo, apaixonado pela literatura, integrou a redação de AMÓ-ÁRA, órgão do Centro Ginásial de Cultura, na qualidade de Gerente e Redator. Ainda jovem foi Diretor do Ateneu Jardimense.

Trabalhou desde cedo para ajudar os pais e irmãos mais novos. Nunca rejeitou serviço, forjando assim a solidariedade desbragada que transbordava a quantos dela necessitavam.

Celso busca novos horizontes. Acadêmico de Direito, teve que suspender os estudos por um ano para ajudar no sustento da família, ingressando na Campanha contra a Malária. Em viagem para o interior, talvez por mão do destino ou por desígnio divino, uma providencial falha mecânica do transporte favorece o encontro profético em uma iluminada noite dos sertões do Ceará com uma jovem da cidade de Marco, Maria do Socorro Moreira. Após vários anos de namoro, casam-se em 24 de outubro de 1946. Enfrentam juntos as dificuldades de criar suas quatro filhas, Helena, Iracema, Maria do Carmo e Beatriz, particularmente nos anos de chumbo dos governos militares.

Tudo pela família, principalmente nas horas difíceis. Quando o fácil seria a acomodação e a recriminação, apoiou e defendeu a democracia contra os tiranos e títeres de plantão, nunca vacilando em ir aos porões da tortura para defender e se solidarizar com filhas, genros e netos, vítimas da truculência. Por seu espírito progressista nunca abdicou da defesa dos ideais democráticos e de justiça social.

Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais na Turma de 1943. Como advogado e funcionário público concursado da Secretaria da Fazenda do Estado do Ceará, destacou-se sobremaneira pela transparência nos atos administrativos, a honradez de conduta e o exemplo inquestionável de responsabilidade e competência.

Amante das letras foi membro da Associação Cearense de Imprensa, matrícula 1008. Colaborou com artigos nos jornais O Povo e Diário do Nordeste.

Aposentou-se apenas porque foi obrigado pela compulsória, mas continuou a escrever e publicar estudos e teses sobre a vida e literatura.

Conversador por excelência, jamais deixou de ser um ouvido atento e paciente, sempre respeitando a opinião das pessoas por mais que delas divergisse, exercendo essas qualidades em plenitude. Amante da leitura e literatura, era assíduo frequentador de bibliotecas, da Casa Juvenal Galeno e da Academia Cearense de Letras. Foi membro correspondente da Academia Petropolitana de Letras (Petrópolis-RJ).

Patrono da Cadeira 19 da Academia Quixadaense de Letras, cuja titular é a escritora Ana Carolina de Holanda Pavão Santana.

Faleceu em 11 de outubro de 1994, mas deixou um legado de sabedoria e integridade para todos que tiveram o privilégio de com ele conviver, além do que está perpetuado nos livros que escreveu.

Publicações

- A Participação dos Empregados no Lucro das Empresas – Edição do 3º. CST – 1943. Livro publicado a partir da tese aprovada no 3º. Congresso Sindical Trabalhista, incluída na Carta de Teresópolis
- A Vontade - 1ª. Edição 1944 – esgotada; 2ª. Edição 1947 – esgotada
- Escritores e Poetas Cearenses na Formação da Literatura Portuguesa (1985)
- A Vontade (Psicologia Aplicada) – 3ª. Edição melhorada (1988) esgotada (1988)

- Contos, Lendas e Outros Temas (Folclore) – 1990

Inéditos

- A Mente Humana (Assuntos Transcendentais)
- História da Secretaria da Fazenda do Estado do Ceará: 50 anos de testemunho.
- Escritores e Poetas Cearenses (Crítica Literária, Síntese Histórica e Antologia) – 2º. Volume

Tomo a liberdade poética, enquanto organizador desta biografia, para acrescentar uma situação atípica, dentro dos padrões convencionais. Estou falando de dois grandes homens das letras, depois de me emocionar por vezes, com tamanho achado, (um verdadeiro tesouro histórico/literário, que busco deixar imortalizado, na oportunidade, para a posteridade). Que a história me julgue, atenuando minha ousadia, por me tornar mais historiador que biógrafo. Não se pode falar do filho, sem falar do pai, é bíblico! Depois de ampla pesquisa, acrescento, a seguir, a síntese da biografia do pai de Celso Serra Azul:

Francisco Henrique Leite, posteriormente Francisco Leite Serra Azul, como era conhecido, nasceu no dia 03 de maio de 1893, na cidade de Aurora – Ceará, filho de José Henrique dos Santos e Joaquina Leite dos Santos. O garoto ficou órfão de pai e mãe aos quatro anos de idade passando a ser criado por um tio. Camponês e de origem humilde, autodidata, aprendera a ler valendo-se de pequenos fragmentos de jornais, livros escolares, almanaques e textos de uma velha Bíblia tomada por empréstimo pelo tutor. Quando Aurora foi invadida e saqueada pelos “cabras” do coronel José Inácio do Barro, em 1908, o jovem veio para as bandas de Quixadá e chegou no vilarejo de Serra Azul passando a ganhar a vida como mestre-escola. Em 1912 contraiu matrimônio com Maria do Carmo, moça do lugar. Em Quixadá começa a ficar conhecido por conta dos seus belos improvisos poéticos. Como afirmou Mário Linhares “o verso brotava-lhe como fio d’água do seio da terra”. Em 1919 a convite do poeta Castro Monte foi para Fortaleza onde passou a trabalhar na biblioteca pública onde teve contato com os clássicos da literatura universal. Dono de uma mente notável e privilegiada logo começa a adquirir uma sólida formação intelectual por conta própria. Admirado por intelectuais da época passou a conviver com notáveis figuras das letras cearenses tais como: Juvenal Galeno, Quintino Cunha, Antônio Sales, Leonardo Mota, Osvaldo Barroso, Rubens de Azevedo e tanto outros. Foi inclusive em atendimento a sugestão de Rodolfo Teófilo que Francisco Leite passou a adotar o nome de Serra Azul em definitivo, acrescentando-o ao próprio nome de batismo e por consequência aos seus descendentes. Foi na capital um exímio professor de História Natural, Geografia e Literatura. Colaborou com vários jornais da sua época, um dos fundadores da histórica Associação Cearense de Imprensa (ACI). Ousou criar o seu próprio estilo literário que ele denominou de “Escola Poética Objetiva” onde propunha uma poesia que fosse além da estética e do lirismo roto. Serra Azul foi um homem que esteve muito além do seu tempo. “Sem mestre estudei francês, inglês, castelhano, alemão, e até latim e grego antigo”. Foi tradutor de textos em francês, inglês e castelhano”. Foi de trem algumas vezes de maneira discreta visitar seu torrão, ficando hospedado na residência do Sr. Zezinho Saburá. Gostava de afirmar que sua inspiração corria no leito do Rio Salgado. Serra Azul faleceu aos 90 anos de idade em Fortaleza – Ceará no ano de 1983.

ACADÊMICA DA CADEIRA 19

1. **Ana Carolina de Holanda Pavão Santana** - Fundadora da Cadeira 19 da Academia Quixadaense de Letras. Em 22/09/2012 foi formalizado seu pedido de ingresso na instituição; em 22/09/2012 teve seu nome aprovado para integrar a agremiação e em 27/10/2012, foi empossada como imortal da AQL, ocupando a cadeira 19, cujo patrono perpétuo é Celso Serra Azul.



Ana Carolina de Holanda Pavão Santana nasceu em Quixadá – CE, no dia 11 de outubro de 1980; filha de José Sérgio Pavão Santana e Maria Cheila Pinheiro de Holanda; de cuja união nasceram Ana Carolina de Holanda Pavão Santana, Georgiana Lina de Holanda Pavão Santana e Sérgio Augusto de Holanda Pavão Santana.

Sua infância se deu entre Quixadá e Fortaleza, onde cresceu ao lado de irmãos, primos, tios e avós, aprendendo desde cedo a valorizar a família e as relações com o outro. Foi uma criança tão feliz, que a infância grudou em si, inspirando-a nas produções de diversos livros infantis. Os estudos iniciais se deram na Escolinha Mickey, em Quixadá, ainda na educação infantil. Depois, quando sua família mudou-se para Fortaleza, continuou os estudos na rede de escolas Ari de Sá, completando lá o Ensino Fundamental I. cursou o Ensino Fundamental II e Ensino Médio numa escola da rede CNEC, Centro Educacional Arminda de Araújo. Foi nessa escola que Ana Carolina apresentou aos colegas seus primeiros poemas. Ela escrevia desde a infância, mas a timidez nunca a deixava partilhar com ninguém. Quando tinha doze anos, uma professora descobriu seu talento, e começou a divulgar seus textos com os demais alunos da sala de aula. Assim, Carol saiu do completo anonimato provocado pela timidez. De lá, ingressou na Universidade de Fortaleza, onde concluiu o curso de pedagogia em dezembro de 2002.

Começou a trabalhar como professora aos 17 anos, logo que ingressou na universidade. E sempre gostou de trabalhar com as crianças, especificamente as de faixa etária entre 9 e 11 anos, pois possibilitavam a exploração da língua portuguesa, em seus aspectos literários e gramaticais. Paralelo ao trabalho de professora, Ana Carolina sempre escreveu poesias, e guardava no coração o sonho de publicar seu livro. Somente em 2013 ela se encorajou a mostrar seu trabalho a uma editora, em

Fortaleza. Na verdade, ela viu um edital lançado pela prefeitura de Fortaleza, que solicitava livros infantis. No entanto, Carol só escrevia poesias, crônicas e teatro. Mas resolveu arriscar-se e escreveu o livro infantil para concorrer no edital. Valeu-se da habilidade com poemas, e escreveu um conto poético, uma historinha infantil que lembrava um pouco a literatura de cordel. E, antes de entregar o texto, ela resolveu procurar uma editora, a fim de que avaliassem sua obra e dissessem se teria condições de concorrer ou não, segundo o edital. No entanto, a editora sequer deixou que ela se inscrevesse, e quis publicar seu livro. Assim, Carol de Holanda Pavão teve seu primeiro livro lançado: Um Grilinho Feliz. O livro fez sucesso, rapidamente chegou à segunda edição, sendo adotado por diversas escolas no Ceará.

A partir das apresentações de Um Grilinho Feliz, Carol escreveu seu segundo livro infantil: Serafina. E dessa vez nem precisou ir em busca de uma editora, pois o contrário se deu. Outra editora a procurou, interessada em lançar Serafina. Dali por diante, foram vários eventos literários em livrarias e escolas, e outros livros foram surgindo. Carol publicou livros com outras editoras em Fortaleza, Recife e, recentemente, fechou contrato com uma editora em Lisboa. Além dos livros infantis, ela também realizou o sonho de publicar seu livro de poemas, Retalhos de Amor. O livro acompanha um CD, com músicas compostas por Carol.

Ana Carolina casou-se em 2016 com José Itaécio Faheina Chaves Júnior. Da união nasceu sua filha Lisbela de Holanda Pavão Saboya Faheina. O nome da princesa é saído de um livro de Osman Lins. Pois Carol respira literatura a todo instante.

Por sua biografia, foi eleita como fundadora da cadeira 19 da Academia Quixadaense de Letras – (AQL), cujo patrono é Celso Serra Azul.

O conjunto de sua obra está composto por nove livros publicados:

- Um Grilinho Feliz
- Serafina
- Retalhos de Amor
- Brincar de Circo
- A Borboleta Azul e o Lagarto Amarelo
- O menino Gigante
- A Gata Gatinha
- Barquinho de Presente
- O caracol sonhador
